

RELIGIÃO, GÊNERO E PODER

Área Temática: Ciências Sociais Aplicadas/Serviço Social

Noêmia de Fátima Silva Lopes¹
Maria de Fátima Lopes²

¹ *Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, Especialista em Organização do Trabalho e Serviços no Âmbito das Políticas Públicas Municipais, Graduada em Serviço Social. Professora e Coordenadora do Curso de Serviço Social da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG.)*

² *Doutora em Antropologia Social, Mestre em Economia Doméstica, Graduada em Economia Doméstica. Professora Associada da Universidade Federal de Viçosa e Coordenadora-Geral do Curso de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas, Gênero e Raça.*

RESUMO: Este estudo objetivou analisar como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica de Soledade, verificando as implicações nas relações e na vida dos sujeitos em estudo. Soledade pertence a uma das paróquias da Diocese de Manhuaçu, da Zona da Mata Mineira, local do estudo. Utilizamos o método qualitativo, da observação direta participante. A partir da análise concluímos que o lugar ocupado pela religião através da participação pastoral na vida da liderança de Soledade, tem sido significativo na construção de novas relações. No entanto, possui influência na reprodução da desigualdade de gênero e no fortalecimento do poder masculino na família e na religião.

PALAVRAS-CHAVE: Religião, Gênero e Poder.

ABSTRACT: This study aimed to analyze how gender relations and power in the Catholic Church of Solitude are experienced and constructed, by checking the implications in relations and in the lives of the subjects under study. Soledad belongs to a parish in the Diocese of Manhuaçu, the Zona da Mata Mineira, which was the study site. We used the qualitative method, of direct observation participant. From the analysis we concluded that the place occupied by religion through participation in the life of pastoral leadership of Soledad has been significant in building new relationships. However, it has influence on the reproduction of gender inequality and strengthening the male power in family and religion.

KEYWORDS: Religion, Gender e power.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetivou analisar como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica de Soledade, verificando as implicações nas relações de gênero e na vida dos sujeitos em estudo.

Trata-se de uma das comunidades rurais, pertencente à Manhuaçu/ MG. Em Soledade, homens e mulheres desenvolvem várias atividades, algumas em conjunto, outras bem delineadas e construídas culturalmente, como espaço de homens e espaço de mulheres, seja na família, no trabalho rural ou nos grupos e pastorais da Igreja Católica, onde participam ou atuam como líderes.

Neste trabalho, é de fundamental importância entender que a religião e os sistemas de crença se constroem exercendo influência significativa na vida e na ação do ser humano, que está inserido no meio social, com suas orientações, regras e dogmas. As religiões, para os crentes, tornam-se capazes de realizar transformações intensas, físicas e psicológicas na vida dos indivíduos que a praticam. Em estudos e pesquisas sobre a religião (WEBER, 1997; OLIVEIRA, 2009), observou-se que é possível o entendimento da realidade em que vivemos e das relações que são construídas entre homens e mulheres que ocupam esse espaço.

Weber (1997) afirmou que as religiões não somente oferecem sentidos e significados para a existência humana, mas se torna parte da cultura estabelecida e das estruturas institucionais de uma sociedade, como também influem – de maneira mais íntima – nas atitudes práticas dos homens com relação às várias atividades da vida diária, independente e para além da salvação. Esse espaço religioso, ocupado por homens e mulheres, é também um dos espaços onde são construídas as relações de gênero.

As relações de gênero não podem ser entendidas como fato isolado na sociedade, pelo contrário, elas são constitutivas de toda realidade, pois o modelo paradigmático de ser homem e ser mulher tende a regular todas as atividades sociais. Segundo Bourdieu (2004), podemos assumir que os agentes e as instituições – o homem, a mulher, a Escola, a Igreja, o Estado e a família – são estruturados e estruturantes nesse processo de naturalização da dominação. Ou seja, ao mesmo tempo em que têm poder para moldar a sociedade, eles (agentes e instituições) são por ela moldados, vão se modificando com o tempo e no confronto das ideias, numa relação entre instituições e pessoas que possuem culturas e valores diferentes.

Historicamente, a Igreja Católica é um dos pilares sobre o qual se assenta a relação hierarquizada entre os sexos no ocidente. As religiões são detentoras do capital simbólico e, portanto, manipulam a produção simbólica e a circulação dos bens simbólicos através de representações, linguagens e palavra autorizada, reforçando e sacralizando, inclusive a relação desigual entre homens e mulheres.

Bourdieu (2004) apresenta a estrutura do campo religioso como um espaço caracterizado por lutas e tensões entre os agentes e as instituições:

[...] a concorrência pelo poder religioso deve sua especificidade ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um *habitus* religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão quase sistemática do

mundo e da existência (BOURDIEU, 2004, p.88).

À medida que a Igreja proporciona uma ordem simbólica, contribui para a manutenção e legitimação da ordem política. A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações de poder de uma sociedade.

Estudar o familiar é um desafio, principalmente quando se fala do lugar de origem natal. Assumimos o risco de naturalizar informações importantes, devido ao envolvimento pessoal. Existem vantagens em termos de acesso ao universo pesquisado, para tanto, nos resultados da pesquisa, existe a possibilidade de o pesquisador/a rever e enriquecer sua investigação quando supostamente acreditava possuir domínio dos códigos e pressupunha saber sobre o quê está falando.

Isso ocorre uma vez que o familiar quase sempre se apresenta como realidade complexa, principalmente quando o/a pesquisador/a elege objetos próximos a sua vivência familiar, mas nem sempre conhecido, como ensina Velho (1978). No entanto, constitui objeto relevante de investigação para uma antropologia, preocupada em perceber que a mudança social se encontra no resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas. Esse cotidiano faz parte de uma cultura, construída a partir de símbolos e códigos.

Partindo desse pressuposto, acredita-se, assim como Geertz (1978, p.15), que o ser humano está “amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, assumindo a cultura como essas “teias” e não como uma ciência experimental em busca de leis, mas de estudo da cultura de uma ciência interpretativa sempre à procura de significados.

É nesse contexto que a pesquisa está sempre em busca de resposta a várias questões. Essa busca desvenda significados do cotidiano das pessoas, a partir da análise das relações e da forma como as pessoas

vivem e sobre o que elas acreditam ou valoram no espaço ou lugar que ocupam.

Uma sociedade sem desigualdades, onde as diferenças exigem aprendizado cotidiano e intermitente no seu enfrentamento, apresentava-se associada a responsabilidades éticas e políticas que despertaram o interesse em problematizar, ou melhor, transformar em problema sociológico questões que pudessem esclarecer e, porque não, apontar para o desejo e o sonho de pertencer a uma sociedade menos desigual.

1. ENCAMINHAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Como instrumento e técnica metodológica, esta pesquisa adotou o modelo interpretativo (MORIM, 2004), indicado no caso da análise qualitativa participativa, uma vez que ela envolve alternância de ações e reflexões.

De acordo com Minayo (1999), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do/a pesquisador/a com a situação estudada e com os atores dessa situação. Esse contato direto fundamenta-se no princípio de que as circunstâncias particulares, nas quais os objetos ou atores estão inseridos, são essenciais para que se possa entendê-los.

A tarefa mais desafiante da observação direta participante é exatamente esse contato próximo entre pesquisador e pesquisado, é “transformar o familiar em exótico”, uma vez que as pastorais inseridas no campo da religiosidade e os sujeitos que fazem parte dessa história fazem parte também da trajetória de vida da pesquisadora. Em contrapartida, acredita-se que, o que parece um problema, constituiu-se em um exercício de grande riqueza, pois é nesse processo que se apresentam os *antropological blues*, aqueles elementos que se insinuam na prática etnográfica quando menos se espera (DA MATA, 1978, p.7).

Este estudo foi desenvolvido com os/as líderes de Soledade, no município de Manhuaçu, localizado na microrregião de

Manhuaçu, Zona da Mata de Minas Gerais. Esta região está situada ao sudoeste do Estado de Minas Gerais, estabelecendo proximidade com os Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. É formada por 142 municípios agrupados em sete microrregiões.

O município de Manhuaçu está localizado geograficamente na Zona da Mata Mineira, Estado de Minas Gerais, Brasil. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), é um município com população estimada em 78.605 habitantes e possui 9 distritos.

O local escolhido para este estudo pertence a um dos 9 distritos de Manhuaçu, com uma população estimada em 6.000 habitantes. Assim como toda a região de Manhuaçu, é município produtor e exportador de café, acompanhado pela produção de cereais, leguminosas e oleaginosas – porém, em menor escala (PORTAL MANHUAÇU, 2011).

O distrito de São Sebastião do Sacramento é formado por 5 comunidades e uma delas é a comunidade de Nossa Senhora da Soledade – local escolhido para realização da pesquisa.

Soledade está situada às margens da BR-116, e é uma comunidade formada por pequenos proprietários. A monocultura é uma característica regional, e Soledade também se insere nesse perfil. O cultivo de lavouras de café é o seu principal meio de sobrevivência, seguido pelo cultivo de hortaliças e de grãos apenas para consumo familiar. As características econômicas são similares às da região como um todo. Os moradores/as de Soledade são pequenos/as produtores/as rurais¹¹, meeiros/as, parceiros/as e diaristas, assim denominados/as pelos sindicatos rurais, prefeituras e bancos comerciais de Manhuaçu.

Com uma população de aproximadamente 200 famílias e 1100 habitantes¹², a maioria católica. Em Soledade, a religiosidade mantém uma influência importante na vida das famílias que residem nessa localidade. Aproximadamente 80% da população é de orientação religiosa católica e 20% dos demais se dividem entre as religiões Assembléia de Deus, Maranata e Testemunhas de Jeová, ou não declaram ou demonstram participar de alguma religião. Essa população não católica precisa sair de Soledade para frequentar cultos religiosos, pois na comunidade não existe prédio para esse fim. Explicita-se a seguir métodos e técnicas utilizados na construção e análise dos dados desse estudo.

Este estudo se constrói desde uma frente de dados que fez uso dos métodos etnográficos, pesquisa documental, observação direta participante, narrativas e entrevistas semiestruturadas.

Segundo Becker (1999), na observação direta participante, o observador coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda, observando as pessoas e situações. O referido autor distinguiu três estágios distintos de análise conduzidos nesta metodologia e, também, um quarto estágio conduzido no final da pesquisa. Esses estágios são bem diferenciados, alcançando conclusões de tipos diferentes em cada fase, que são destinadas a usos diferentes no processo da pesquisa. Os estágios compreendem: a) a seleção e definição de problemas, conceitos e índices, quando o observador procura por problemas e conceitos que ofereçam perspectivas para uma maior compreensão da organização pesquisada; b) a observância sobre a frequência e a distribuição de fenômenos, em que o observador, de posse do problema, conceitos e indicadores, procura refletir sobre quais deles vale a pena

¹¹ São propriedades ou minifúndios, com menos de 1 hectare de terra, outras de 2 a 5 hectares, a maioria das propriedades de Soledade estão dentro desse padrão de medidas.

¹² Dados fornecidos pelo Programa de Saúde da Família - PSF - Municipal, Secretaria Municipal de Saúde de Manhuaçu.

perseguir como focos principais de seu estudo; c) em seu terceiro estágio, concebe modelos descritivos que melhor expliquem os dados reunidos e consolidados; e d) o quarto estágio de análise final envolve problemas de apresentação de evidências e provas, isto é, a análise sistemática final, realizada após o trabalho de campo.

A aplicação do método de observação direta participante contribuiu para o uso de narrativas, tendo em vista a abordagem da presente pesquisa. A narrativa enriquece os resultados e possibilita o acesso a informações mais detalhadas e aprofundadas. Para Labov (1977), a narrativa é uma técnica de recapitular a experiência passada através da combinação da sequência verbal de sentenças com a sequência de eventos que de fato ocorrem. Durante a narrativa, o passado, o presente e o futuro são articulados e as pessoas narram suas experiências e os eventos, sob um olhar do presente. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (GOMES *et al.*, 2002, p.32).

Com o objetivo de compreender essas relações que se dão no cotidiano da comunidade, elegemos as pastorais como unidade empírica de pesquisa e linha de análise e, como foco, 21 líderes que compõem o conselho pastoral comunitário (CPC). O grupo é composto por representantes de cada pastoral e movimentos da comunidade com direito à voz e voto nas reuniões mensais, uma comissão com caráter deliberativo¹³. Dessa forma, compreende-se que o grupo de líderes escolhido representou

significativamente o objeto de estudo, contribuindo para a compreensão das relações de gênero e poder nas pastorais.

A escolha do grupo estudado foi pensada e discutida após análise das características desses líderes: católicos, moradores de Soledade, coordenadores/as de pastorais ou que possuam cargos (de coordenação) nas pastorais, líderes há mais de 5 anos e que participam de forma efetiva na comunidade. Essas características foram determinantes na escolha do grupo de 21 líderes pesquisado/as, tendo em vista os objetivos da pesquisa. Dos 21 líderes, 14 são do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Denominamos de forma fictícia os líderes entrevistados/as da seguinte forma: Sebastião, Edson, Carlos, Ricardo, João, Marcos, Victor, Luís, Pedro, Rodrigo, Cristiano, Fábio, Valter, Marcelo, Clara, Mariana, Lúcia, Vitória, Marta, Célia e Júlia.

Esse grupo de líderes são homens e mulheres que viveram e vivem histórias semelhantes, com algumas peculiaridades, inseridas num contexto socioeconômico e religioso com características análogas. Esse grupo influencia e também é influenciado, de forma direta e indireta, pela família, religião e comunidade. É um grupo formador de opiniões, são representantes homens e mulheres da comunidade, numa relação dinâmica de sociabilidade, trabalho pastoral, fé e relações de poder.

O estudo delimitou a população a ser pesquisada com o processo de inclusão da seguinte forma: ser membro do CPC e fazer parte da coordenação das pastorais na comunidade. Todos os líderes – do sexo masculino e feminino – que se dispuseram a participar foram entrevistados. Do grupo do CPC, 21 líderes se dispuseram a participar. As atividades desenvolvidas e o período destinado à pesquisa foram distribuídos em 12 meses, subdivididos e organizados em seis etapas.

Na primeira etapa realizou-se revisão bibliográfica e mapeamento do trabalho de campo; na segunda, investigação documental existente sobre a comunidade de Soledade e a aplicação das 21

¹³ São decisões quanto a questões encaminhadas pelas pastorais como: agenda de encontros e eventos, viagens, cursos de aperfeiçoamento de liderança, projetos que necessitam de orçamento financeiro para execução, reformas no prédio local, despesas de manutenção entre outras questões e propostas paroquiais ou diocesanas que necessitam de aprovação do CPC.

entrevistas; na terceira e quarta, análises das entrevistas, comparação dos dados e avaliação das etapas cumpridas; na quinta e última etapa, a redação dos artigos científicos.

Esta pesquisa se encontra principalmente na possibilidade de que, a partir da experiência de Soledade, possamos compreender melhor como são construídas as relações de gênero e poder entre homens e mulheres. As ideias e as experiências vividas nas pastorais da comunidade e no conjunto social, político e religioso podem ser caminho para a visualização de uma construção coletiva, que busca formas de organização e alternativas de sobrevivência, de reprodução social do lugar onde se vive.

2. A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA COMUNIDADE DE SOLEDADE

Assumimos Soledade como uma localidade rural, geograficamente cortada pela BR-116, formada por minifúndios, pequenos proprietários e meeiros, ou seja, características de uma comunidade de pequenos produtores agrícolas. A monocultura é uma característica regional de Manhuaçu, e Soledade também se insere nesse perfil. O cultivo de lavouras de café é o seu principal meio de reprodução, também o cultivo de hortaliças e de grãos essencialmente para consumo familiar é uma das fontes de produção. Como faz parte de uma região produtora de café, juntamente com todo o município, contribui significativamente com a renda da economia local e regional, uma *commodity* agrícola importante no mercado brasileiro. Não contando com a produção mecanizada e de alta tecnologia, como é característica da agricultura atualmente, Soledade está localizada numa região montanhosa, responsável pela produção do café conhecido como café da montanha – produto que vem melhorando a qualidade e competindo no mercado destinado à exportação.

Sua população é de aproximadamente 200 famílias e 1100 habitantes (dados fornecidos pelo Programa de Saúde da Família – PSF – Municipal, Secretaria Municipal de Saúde de Manhuaçu). A solenidade é marcada por uma religiosidade onde as pessoas participam, vão à Igreja celebrar, ingressam nos trabalhos pastorais, nos movimentos. Tudo isso mantém uma influência importante na vida das famílias que residem nessa localidade. Aproximadamente 70% da população é formada de católicos e 30% dos demais se dividem entre as religiões: Assembleia de Deus, Maranata e Testemunhas de Jeová, ou não participam de nenhuma religião. Essa população não católica precisa sair de Soledade para frequentar cultos religiosos, pois na comunidade não existem prédios para o culto evangélico ou de crenças diferentes da religião católica.

A religião é tida para as pessoas como uma outra família: “família sem religião não existe, uma faz parte da outra”. Assim, falar de religião conseqüentemente nos induz a abordar discussões sobre famílias.

Eu não vejo minha família sem religião sabe? Pra mim a Igreja e a comunidade é também minha família, é tudo misturado, uma tá dentro da outra, não sei separar, porque Deus não disse: vós sois todos irmãos, então”, somos uma família (Mariana, 31 anos, casada, entrevistada em 30/07/2010).

Para todos os/as líderes entrevistados (as), a “família é um bem extremamente valioso”, ela possui valor moral na opinião das pessoas “família e religião devem caminhar sempre juntas”.

Para os moradores de Soledade, família e religião se apresentam em conexão com gênero. Religião, família e gênero, em se tratando de Soledade, configuram mais que uma particularidade, uma dimensão da vida coletiva, distingue e garante redes de relações na reprodução biológica e social. A família ganha destaque em relação ao

indivíduo. Aliás, sujeitos são definidos em função de suas conexões de família. Não é tarefa fácil analisar algo tão “natural” como família, que é a esfera da vida social mais naturalizada pelo senso comum, porque regula atividades de base biológica, como o sexo e a reprodução humana.

Lévi-Strauss (1980), ao demonstrar as estruturas elementares do parentesco, deu um passo decisivo para a desnaturalização da família ao retirar da família biológica o foco principal. A família passou a ser vista como atualização de um sistema mais amplo quando separa o fundamento biológico da consanguinidade e dos fundamentos sociológicos da aliança.

De acordo com Velho (1978), o significado de família está vinculado a uma rede de outros significados e supõe um todo mais ou menos sistemático e não necessariamente harmonioso. A unidade existente na família ou em unidades particulares, conforme mencionada, não significa necessariamente harmonia.

No espaço religioso, em especial na Igreja Católica, é conferido à família lugar de destaque, “religião e família devem caminhar juntas, pois uma depende da outra”. Para os líderes entrevistados em Soledade, a família aparece como a “base de tudo”. Na opinião dos entrevistados, “família e comunidade é uma união necessária” e “quando a família não vai bem a comunidade também não vai bem”. Comunidade, para os líderes em Soledade, é comunidade religiosa. Em alguns momentos, citam o termo comunidade com o mesmo significado de Igreja Católica ou até mesmo de religião. “Um grupo que se ajuda de forma mútua, que disputa o mesmo espaço, uma comunidade”.

Eu acho que a religião e família, a religião trás uma estrutura pra família, porque a família que participa dos momentos comunitários, família que sempre tá à missa, no culto igual nós sempre temos aqui, eu acho que tem uma grande força, a religião trás um grande apoio, na família, no emocional,

pra fortalecer a união dentro de casa. Cê tem facilidade pra tá decidindo as coisas e discutindo alguma coisa, cê pensa que eu sou católico, religioso. Pra mim eu mudei muita coisa na família através da religião. Minha família hoje é mais unida, todos participam, parece que a gente fica mais confiante (Marcos, 42 anos, casado, entrevistado em 02/07/2011).

Percebe-se que a família é tida como valor moral, de responsabilidade ética, uma instituição que deve ser muito bem cuidada. A descrição de família é usada pelas pessoas como metáfora. A importância da conexão entre família e movimento pastoral na religião é expressa na opinião de Mariana, em entrevista dia 30 de julho de 2010:

Eu acho que, é uma coisa engraçada, porque aqui na comunidade, tem família que trabalha junta: é o pai, a mãe, o filho, a filha. É mais uma união entre a família e os trabalhos, porque tem gente, é quase todo mundo que trabalha na comunidade, tem sempre dois ou três da família, então eu acho que é uma união que tem dado certo: a família, com a comunidade e os trabalhos pastorais. E nossa comunidade nisso é uma comunidade muito bem servida de pessoas pra tá trabalhando. Uma comunidade muito boa pra tá trabalhando, e é por causa disso que tem bastante união entre a família, a família em geral, tanto de um lado e de outro, um de um lugar outro de outro, mas sempre duma família tem duas ou três que tá participando da comunidade, um ou dois participam de uma pastoral, de outra pastoral, acho que é uma união perfeita: família e comunidade (Mariana, 31 anos, casada, entrevistada em 30/07/2010).

Em diferentes momentos das entrevistas os líderes afirmam que “a Igreja e a pastoral são uma segunda família”. Muitos

buscam na religião e nos trabalhos pastorais, características que gostariam de encontrar na família, como sociabilidade, segurança, diálogo e respeito. Buscam na religião soluções e alternativas para os problemas que não são resolvidos ou extrapolam os limites da família: rezam pedindo saúde, união para a família, a cura de uma doença, a volta do companheiro, mais recursos econômicos, a recuperação de alguém, o abandono de algum vício etc.

Foi, foi muito importante! Foi importante o fato de eu ser perseverante, né? Porque eu podia ter desanimado tanto o fato de eu ser perseverante, e junto com meus filhos, eu tive apoio dos meus filhos, eles falavam: 'não vão não mamãe, eu falava: vão sim meu filho' e a gente indo e o marido sentiu aquilo com certeza, né? Nossa, minha família lá vai e deve que ele sentiu vergonha da gente ir e ele não vinha! Mas aí tudo bem, foram sete anos assim, depois, quando ele veio eu senti mais força ainda, aí eu senti que a força tá na caminhada de fé! (Vitória, 47 anos, casada, entrevistada em 07/08/2010).

Vitória não desistiu e conseguiu levar o marido para a Igreja. Ela relata sua história de vida com lágrimas nos olhos, se emociona e diz que tem orgulho do que fez, considera-se "poderosa" por ter levado o marido para a Igreja. Este fato possui para ela grande significado. "Me sinto orgulhosa por ter conseguido tamanha façanha", ela diz.

Compreendemos que, para este grupo, a religião possui o poder de apontar soluções para problemas existenciais de vida e de morte do ser humano. Se essas necessidades não são satisfeitas na família, o espaço religioso composto pelos grupos e pastorais apresenta-se como alternativa de suprir essa satisfação.

Uma satisfação que principalmente a mulher busca nesse lugar. Ela vem ocupando um espaço historicamente masculino e está presente em todas as

pastorais na comunidade, mesmo que ainda não tenha ocupado posições de maior *status*, como a coordenação geral, mas se envolveu de forma significativa nas atividades e trabalhos comunitários.

Eu era mais tímida, agora não, agora se for pra eu dirigir uma reunião lá na frente ou qualquer coisa eu tenho coragem! Se a pessoa chegar pra mim pedir pra eu ler uma leitura, um evangelho, fazer uma reflexão é na hora, não chego nem a tremer, eu consigo fazer, então mudou muito pra mim, eu acho que a autoestima melhorou. Em mim, a autoestima melhorou bastante. Eu acho que mudou muito nessa parte, eu acho que o apoio, o jeito né, que a gente chega a ter uma confiança maior na gente, às vezes a gente fica meio tímido por ser mulher! Agora num tempo pra frente, cê vai modificando, eu acho que tá tendo mais firmeza no que cê faz (Lúcia B., 45 anos, casada, entrevistada em 07/08/2010).

Em Soledade, essa realidade possui um significado de rompimento com algumas tradições masculinas. Para essas mulheres, o reflexo é sentido diretamente na família, que vem transformando-se em função desse novo posicionamento da mulher no meio social.

São vários os modelos e configurações que as famílias assumem incorporados a mudanças em seu modo de vida e, conseqüentemente, na divisão do trabalho doméstico entre seus membros. Temos, hoje, várias famílias chefiadas exclusivamente por mulheres que assumem para si o cuidado da casa, dos filhos e sua sobrevivência financeira. Essas novas realidades familiares nos levam a refletir um pouco mais sobre a participação da mulher em atividades antes vistas somente como masculinas e suas implicações nas estruturas familiares.

Nas relações de gênero no espaço da família e da religião, definir submissão

imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica social e linguisticamente constituída, é sempre afirmada como uma diferença de ordem, natural, radical, irreduzível e universal. O essencial é identificar para cada configuração histórica os mecanismos que enunciam e representam como “natural” e biológica a divisão social dos papéis e das funções (SOIHET, 1989).

As fissuras que a dominação masculina por ventura deixa entreaberta, ou que as mulheres constroem como espaço de resistência, não assumem a forma de rupturas espetaculares, nem se expressam sempre num discurso de recusa ou rejeição. Elas nascem no interior do consentimento quando a incorporação da linguagem da dominação é reempregada para marcar uma resistência. Assim, definir os poderes femininos permitidos por uma situação de sujeição e inferioridade significa entendê-los como uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina, contra seu próprio dominado (SOIHET, 1989, p.107).

No discurso da maioria dos líderes de Soledade não existe discriminação entre homens e mulheres, porém a prática é reveladora de uma desigualdade acirrada e marcada pela diferença.

É igual eu te falei. A relação entre mulheres e homens, sei lá, se for olhar pro lado, Deus fez homens e mulheres pra viver junto um do outro então a relação entre família e comunidade é bom assim não tem divisão, né? (Carlos, 43 anos, casado, entrevistado em 25/07/2010).

Quando explicitam sobre a importância da mulher no movimento pastoral e na religião, é reforçada onde começa a diferença. A família aparece e o homem pode e deve participar, mas na visão de Carlos é melhor que a mulher fique em casa, no lar, cuidando dos filhos, de um

familiar doente ou limitado, ao invés de participar de alguma atividade religiosa.

Minha mulher mesmo, quase não vem na igreja porque ela tem as obrigações em casa, então eu vejo assim, não tem muita diferença não, se ela tiver tomando conta de alguém em casa, talvez é melhor ela ficar em casa do que ir à igreja e deixar alguém que tá precisando em casa, então eu acredito que para Deus não existe diferença (Carlos, 43 anos, casado, entrevistado em 25/07/2010).

Ao ser interrogado como essa realidade era vista pela esposa e se ela manifestava vontade de participar na comunidade, ele diz:

É, ela sempre comenta comigo: é eu poderia ir com você na missa, no culto, mas como que eu vou e vou deixar minhas meninas! Eu falo pra ela, cê estando tomando conta dos meninos é mesma coisa de cê tá indo ao culto. Eu acho que se ela deixasse a sua irmã os meninos e viesse pro culto eu não ia sentir bem, sei lá, mas às vezes eu fico mais feliz dela ficar com a família em casa do que tá vindo pra igreja e deixando quem tá precisa dela lá! (Carlos, 43 anos, casado, entrevistado em 25/07/2010).

Inseridas em uma cultura conservadora e machista, as próprias mulheres parecem não ter consciência da condição de submissão e de desigualdade, da diferença em relação ao homem. Para a maioria é uma condição natural da mulher, além de ser um “problema” da mulher, e não do homem, o cuidado com a casa, o lar, a família, naturalizando e essencializando atitudes, comportamentos e o prescrito pelo grupo como sujeitos feminino e masculino.

Constata-se que o poder é distribuído de modo desigual entre homens e mulheres, corroborando com Gebara (2000). Primeiramente, elas ocupam, em geral,

posições subalternas na organização mais ampla da vida social e também na organização das religiões em todo o mundo, aludindo à Igreja Católica.

Acredita-se que é preciso rever conceitos, valores, preconceitos, para só assim reescrever uma “nova história”, como nos disse Scott (1990), que tenha como foco o ser humano e sejam respeitadas as suas diversidades. Pensar em gênero é se aventurar em outro olhar, a partir de outro entendimento, na tentativa de romper e desconstruir paradigmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas mostram que os/as líderes das pastorais retratam e sinalizam como se configuram as relações de gênero e poder na Igreja Católica e como essas relações refletem diretamente nas famílias e vida das pessoas que atuam nas pastorais dessa Igreja. Notamos, assim, que a partir da análise da realidade local houve implicações nas transformações do discurso dos agentes de pastoral, porém, na prática das ações, ainda vivenciamos a desigualdade de gênero e a dominação masculina.

Essas mudanças apontam para um futuro menos desigual, mas que ainda não se configurou na prática. Os estudos mostraram uma mulher mais participativa, assumindo de forma mais atuante seu espaço nas pastorais, porém, não conseguiu se desprender das tradições culturais construídas pela sociedade masculina, que ocupa as posições de comando e de maior *status*.

Contudo, os resultados pressupõem mudanças na configuração familiar e na construção de gênero em sintonia com esse espaço religioso que se transforma em espaço de sociabilidade para a liderança de Soledade. Porém, esse espaço pastoral e familiar apresenta-se como uma via de mão dupla que possui influência significativa na reprodução da desigualdade de gênero e no fortalecimento do poder masculino na família e na Igreja Católica de Soledade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciência Sociais**. 4. ed. São Paulo: Huciter, 1999.

BOURDIEU, P. **Gênese e estrutura do campo religioso**. In: MICELELLI, S. (Org.). 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

DA MATA, R. O ofício de etnólogo ou como ter *Anthropological Blues*. In: NUNES, E. O. **A aventura sociológica: objetividade, paixão imprevisto e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GEBARA, I. **Rompendo com o silêncio: uma fenomenologia do mal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978/1989.

GOMES, R.; MENDONÇA, E. A. A representação e a experiência da doença: princípios para a pesquisa qualitativa em saúde. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Orgs.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. **Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular**. Oxford: Basil Blackwell, 1977. p. 354-396.

LÉVI-STRAUSS, C. A família. In: SHAPIRO, M.; HARRY, M. et al. **A família e Evolução**. Porto Alegre: Editorial Vila Martha, 1980/1956, p.7-45.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Coleção Temas Sociais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MORIM, A. **A pesquisa ação integral e sistêmica: uma antropedagogia renovada.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PORTAL MANHUAÇU. *Manhuaçu: economia e localização.* Disponível em: <http://www.manhuacu.com/index.php?name=dados_economicos>. Acesso em: 02 agos. 2013.

SOIHET, R. In: AGUIAR, N. (Org.). **Mulheres e gênero, contribuição para um debate.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. v. 5, p. 95 (Coleção gênero).

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método de pesquisa social.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

WEBER, M. **Sociologia.** COHN, G. (Org.); FLORESTAN, F. (Coord.). São Paulo: Ática, 1997. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).